

**GLOSSÁRIO  
ALQUÍMICO E IATROQUÍMICO  
PORTUGUÊS**

Manuel J. Gandra ©

# A

## **Açafrão de ferro**

Composição farmacopáica. Designação antiga para o ferro preparado.

## **Ácido**

Do latim, *acidus*, isto é, que tem sabor azedo. Para nomear os ácidos os alquimistas antigos reportam-se frequentemente às *aquae*, cuja preparação é descrita por alguns adeptos, caso da *aqua fortis* (ácido nítrico) referida por Geber (*De inventione veritatis*). Aos ácidos é creditada a capacidade de purificar (separar e purgar) os metais, razão por que a iconografia os apresenta como devoradores dos mesmos metais. A *aqua regia* foi considerada o único ácido dissolvente do ouro. Newton é autor do *De natura acidorum*. Bluteau afirma que é “o contrário do que a Filosofia Moderna chama *Alcali*, porque este é um sal poroso que absorve todos os ácidos e o que os Químicos e Filósofos Modernos chamam *Ácido* é um sal picante e fogo virtual ou potencial e dissolvente, que entra em todos os mistos e lhes dá o ser, e nestes dois sais, a saber *Ácido* e *Alcálico*, se fundam os dois princípios com que a nova Filosofia explica todas as coisas Físicas” (v. 1, p. 89). A propósito deste sal *Ácido* e *Alcali*, como semente, cf. *Alma Instruída*, parte 2, p. 405. Por seu turno, Matias Aires considera as expressões *Ácido alcálico* e *sal alcalino fixo* aplicáveis “àqueles sais que fermentam entre si, não porque haja entre eles uma verdadeira fermentação, mas uma espécie de combate ou ebulição em que o ácido perde a natureza de ácido e da mesma sorte o alcalino perde a natureza alcálica. [...]. E por este princípio o sal ácido é sempre dissolúvel na água, porque ainda aquele, que está junto intimamente a um corpo indissolúvel, em se separando dele logo se dissolve, em lugar que os alcalinos, nem todos se dissolvem na água. [...] Os sais alcalinos fixos, esses todos se dissolvem na água prontamente e a humidade do ar basta para os dissolver perfeitamente. Todo o sal que se acha nas cinzas dos vegetais queimados, é um verdadeiro sal alcalino fixo e da mesma sorte o sal que existe no sarro do vinho queimado é um sal alcalino fixo e o mais forte de todos os daquela natureza. O conhecimento dos ácidos e alcálicos é o mais preciso no uso da Medicina e sem aquele conhecimento exacto não pode haver perfeito Médico, porque apenas há doença, ou mal algum que se possa explicar distintamente, nem conhecer o seu princípio, sem recorrer a um ácido predominante ou a um degenerado alcálico: os remédios comumente tendem ou a moderar e extirpar um ácido abundante ou a moderar e extirpar também um alcali escorbútico e corrosivo. [...]. E com efeito os ácidos e alcálicos são os promotores das desordens principais que o corpo sensitivo experimenta, porque a alguns dos líquidos atenuam excessivamente e a outros engrossam, fazendo a uns mais fluídos do que devem ser e a outros mais densos, e por este modo se suspende a circulação ou se desordenam as funções vitais. Não se segue daqui que todos os ácidos e alcálicos sejam morbosos sempre, antes a total exterminação deles é nociva: uma justa porção e proporção deve intervir. O mal está no excesso e este consiste ou na quantidade ou na qualidade” (*Problema de Architectura Civil*, v. 2, p. 257-261). \*Água Régia, óleo de vitriol e \*vinagre.

## **Ácido fosfórico do azougue**

Cf. Bluteau, v. 1, p. 3.

### **Ácido marinho**

Bluteau di-lo detentor de “um cheiro particular e a cor da cidra, a qual não perde ainda que se enfraqueça com água. E quando é concentrado se dissipa em forma de vapores brancos e penetrantes, os quais são invisíveis, quando não tem contacto com o ar” (v. 1, p. 4).

### **Ácido nítrico**

Afirma Bluteau que “ora é vermelho, ora amarelo, e espalha vapores da mesma cor que enchem o vazio do vaso em que se mete e é tão volátil que basta o calor da atmosfera para o reduzir em vapores. E enfraquecido por um igual volume de água destilada, a mistura toma uma bela cor verde, que passa a azul ajuntando-se mais água. Esta desaparece inteiramente se ainda se lhe acrescenta água. O seu peso é maior que o do *Ácido marinho*, mas menor que o do *vitriólico* (v. 1, p. 4).

### **Ácido pingue cáustico de Meyer**

Também designado *Ácido ígneo de Sage*. Cf. Bluteau, v. 1, p. 138-139 e 163.

### **Ácido vitriólico**

Segundo Bluteau “não tem cor, nem cheiro quando é perfeitamente puro e excede aos demais no peso, excepto ao *Ácido fosfórico*. Corrói e destrói as matérias combustíveis, como o fogo e as reduz a um verdadeiro carvão. É menos fluído que a água e parece oleoso quando se apalpa entre os dedos. Exposto ao ar atrai a humidade e toma cor, misturado enfim com igual volume de água destilada excita um calor considerável e estrépito” (v. 1, p. 3-4).

### **Adurente**

Segundo Bluteau “diz-se das águas e medicamentos que calcinados e sublimados adquirem tanto calor que queimam como fogo, não actual, mas potencial”. O termo é utilizado por Madeira Arrais (cf. *Methodo de conhecer e curar o Morbo Gallico*, parte 2).

### **Adustação**

\*Adustão.

### **Adustão**

O mesmo que \*adustação. Termo utilizado por Madeira Arrais (cf. *Methodo de conhecer e curar o Morbo Gallico*, parte 2). Segundo Bluteau, diz-se “quando com a preparação de repetidas calcinações e sublimações se separam e se consomem do azougue, antimónio, etc., as partes sólidas de maneira que fica brando, frio o medicamento”.

### **Agricultura celeste**

Designação tradicional da alquimia, fundada na analogia dos seus processos com os trabalhos agrícolas.

### **Água de borragem**

Segredo das boticas jesuíticas, peitoral e diaforético e, outrora, considerado laxativo. Na sua preparação são utilizadas as flores e as folhas de *Borago officinalis* L.: as flores em infusões de meia onça, em duas e meia libras de água, e as folhas em decocções de uma e meia onça, para duas libras de água.

### **Água de funcho**

Segredo das boticas jesuíticas destinado a expulsar os *flatos* e a abrandar as cólicas intestinais. Água espirituosa obtida a partir de sementes do funcho (*Foeniculum vulgare*

Miller), “crasso modo contusas”, tártaro cru e água da chuva. Depois de macerar tudo durante dois dias, destilava-se em alambique e filtrava-se o líquido resultante.

### **Água de Inglaterra**

Remédio febrífugo preparado pelos indígenas peruanos, a partir da maceração de cascas de Quina-Quina, cujas propriedades terapêuticas foram descritas pelo cardeal de Lugo, em 1650. Foi a droga mais receitada no seu tempo contra as sezões. O primeiro português a manipular a Água de Inglaterra foi Fernando Mendes (14 de Abril de 1681), cuja fórmula não obteve grande fortuna. Posteriormente, surgiu uma outra fabricada pelo Dr. Jacob de Castro Sarmiento que mereceu uma geral aceitação. O sucesso desta suscitou o aparecimento imediato de diversas contrafacções, a primeira das quais foi lançada no mercado por André Lopes de Castro, sobrinho do Dr. Jacob de Castro Sarmiento. Foram falsificadores de nomeada: José Joaquim de Castro (filho de André Lopes de Castro e cujas pretensões foram discutidas na sessão de 14 de Maio de 1821, das Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa), António José de Sousa Pinto (boticário lisboeta), José Francisco Borrallho (boticário da Real Botica de Sua Majestade), José Cardoso Rodrigues Crespo (boticário, morador no Rossio), João António Pereira e Sousa (boticário da Rua da Boavista), etc.

*Bibliografia:* ANÓNIMO, *Documentos que autorisam a verdadeira Agua de Inglaterra da composição, e manipulação de António José de Sousa Pinto*, Lisboa, Impressão Régia, 1810; CASTRO, André Lopes de, *Aviso ao Público a Respeito da Água de Inglaterra da composição do Doutor Jacob de Castro Sarmiento*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1799; DIAS, José Pedro Sousa, *A Água de Inglaterra no Portugal das Luzes: contributo para o estudo do papel do Segredo na terapêutica do século XVIII*, Lisboa: Faculdade de Farmácia, 1986 [Monografia dactilografada]; ESAGUY, Augusto M. de, *Notícia sobre a Água de Inglaterra*, Lisboa, 1936; idem, *Água de Inglaterra*, Baltimore, 1936; idem, *Água de Inglaterra*, in *Imprensa Médica* (1951?); idem, *Água de Inglaterra: nótulas*, Lisboa, 1936; idem, *Nótulas relativas às Aguas de Inglaterra*, Lisboa, 1931; idem, *Uma água curativa fabricada em Inglaterra e Portugal*, in *Imprensa Médica*, a. 23 (Nov. 1959), p. 407-413; idem, *Uma notável descoberta portuguesa, a Água de Inglaterra*, in *Monit. Farm.*, n. 7, 163 (1937), p. 10-11; FONSECA, L. Falcão, *Três séculos de medicação antipalúdica: pó de quina, Água de Inglaterra e quinino*, in *Revista portuguesa de Farmácia*, v. 28, n. 4 (1978), p. 348-372; FRIEDENWALD, Harry, *Ferdinando Mendes. A comedy of errors*, Londres, 1938 [Biografia do primeiro fabricante de Água de Inglaterra]; GANDRA, Manuel J., *Subsídios para a bibliografia crítica das fontes e estudos respeitantes ao Hermetismo em Portugal. I. Alquimia* (tratamento biblioteconómico de Amélia Caetano), Mafra, 1994; LEMOS, Maximiano de, *Jacob de Castro Sarmiento*, in *Ilustração transmuntana*, n. 3 (1910), p. 114-125; PINA, Luís de, *Notas para a história médica nacional ultramarina. A Água de Inglaterra em Angola*, in *Jornal do médico*, n. 1 (1940); SALDANHA, Aleu, *Dr. Fernando Mendes, hispano-trancosense*, in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Ciências, t. 14 (1970); VILHENA, Jardim, *Água de Inglaterra*, in *O Instituto*, n. 12 (1932), p. 318.

### **Água de pastinaca aquática**

\*Água de rabaças.

### **Água de rabaças**

Também \*água de pastinaca aquática (*Apium nudiflorum* L.), planta aquática de flores brancas. Segredo das boticas jesuíticas, com propriedades antiescorbúticas, peitorais, boa para quebrar a pedra nos rins e na bexiga e usada contra o mau hálito.

### **Água Régia**

Mistura dos ácidos nítrico e clorídrico. Cf. Bluteau.

### **Água Seca**

Designação química para o salitre (Bluteau, v. 1, p. 175).

### **Aguardente**

Em termos alquímicos, é a chispa comunicada à matéria inerte pelo Criador, provocando a revitalização dela. Sobre o uso e abuso da aguardente, pronuncia-se o povo do seguinte modo: “Não me chameis aguardente, / Chamai-me água feita, / Curo-vos as feridas, / Sirvo-vos de receita. / Mas quem comigo se meter, / Meto-o três dias na cama / Que não se há-de poder erguer”.

### **Alambique**

Do árabe, *al-anbiq*, termo utilizado pela primeira vez nos *Maqasid* (157, 23) de Al-Gazali. Aparelho de origem clássica (*ambix*), destinado à destilação, que assumiu a sua forma definitiva no Islão. O sevilhano Ibn al’Awwam descreve-o detalhadamente ao tratar da destilação da *água de rosas* (Cf. *Libro de Agricultura*, Madrid, 1802, p. 397). É composto por três peças: a cucurbita ou caldeira, o capitel ou chapéu e a serpentina. Na primeira coloca-se o líquido cuja destilação se visa, enquanto o capitel recebe os vapores, dirigindo-os para a serpentina, mergulhada num refrigerante. Em sentido figurado significa aquilo que apura, purifica ou filtra. No panteão dos Cabrais, em Belmonte, figura um alambique posto em campo heráldico. Para S. Bernardo o alambique simboliza o coração que, conforme as ervas que tem dentro, assim respira o bom ou o mau cheiro que exala. Um alambique ocupa o campo heráldico das armas dos Cabrais no seu panteão, em Belmonte.

### **Alcali**

Do árabe, *al-cali*, planta marinha da qual se extrai a soda. Em química é o nome dado a determinados compostos (soda, potassa, litina, etc.), os quais, quando em presença de ácidos, dão sais e transformam as gorduras em sabões. Informa Bluteau (v. 1, p. 218) que “todo o sal alcálico, assim desta, como das mais ervas, é oposto ao sal ácido e na união de um e outro sal consistem todas as especulações da Física moderna. Por isso dizem que comunica o ácido as duas qualidades masculinas, a saber o cáldido e o seco e que do alcali procedem as duas qualidades femininas, a saber o frio e o húmido. E assim da grande alteração causada da união do sal ácido e alcálico querem os Filósofos modernos que resulte a composição de todos os corpos. Na qual Filosofia é para notar que estando um e outro sal, ácido e alcálico, bem unidos, penetrados e com igual proporção e bem saturados, cessa a sua ebulição ou efervescência e não se renova com qualquer outra adição que possa sobrevir”.

### **Álcool**

Espírito do vinho. Ensina a \*alquimia que, quando privado de toda a humidade, “é o dissolvente próprio de todas as gomas e resinas”. Segundo \*Matias Aires, “o álcool tem usos excelentes nos experimentos físicos e da mesma sorte na Farmácia, Medicina, na Cirurgia e na Anatomia; manufactura dos vernizes; a extracção de tinturas minerais, vegetais e medicinais; e fábrica dos termómetros, ou conhecimento exacto dos graus do frio e do calor em todas as estações do ano; a conservação de algumas figuras monstruosas animais; a cura de muitos males; a representação visível dos líquidos que circulam nas artérias e nas veias; tudo depende do álcool e se este é depurado menos bem, sucedem mal os experimentos que com ele se praticam” (*Problema da Architectura Civil*, p. 265). Bluteau: “[...] palavra arábica, derivada de *alchol*, que é pó de Antimónio crú com que os Turcos, Persas, etc., tingem de negro as sobrancelhas e também serve de colírio para o mal dos olhos. Entre nós dão os Químicos e Boticários este nome a um espírito de licor, ou a um pó subtilíssimo: e assim dizem, álcool de vinho, ou de espírito de vinho bem rectificad; coral feito em álcool, ou alcoolizado, é o que pisado numa pedra de porfido, ficou reduzido a um pó impalpável. Laguna sobre Dioscorides (lib. 5.

cap. 58) diz que álcool em Castela é aquela espécie de mineral chamado *Stibio* (vulgarmente, \*antimónio) com que as mulheres costumam tingir as sobrancelhas e Covarrubias conformando-se com ele, diz, que álcool é certo género de pós, e que com um palito de funcho, tingido neles e passado pelos olhos, se aclara a vista e se fazem negras as pestanas; e em favor deste sentido deriva álcool do hebraico *Quebale*, que vale o mesmo, que *negrejar* [...]. Na segunda parte Apologética pela trituração da Jalapa diz José Homem de Andrade, segundo a primeira significação, que temos dado a esta palavra álcool, que é um pó muito volátil, e impalpável, semelhante aos átomos que aparecem nos raios do Sol (v. 1, p. 48)". Matias Aires: "Álcool se chama o espírito do vinho sumamente deflegmado e posto no último grau da pureza que pode ter. Aquela depuração se faz por meio de qualquer sal alcalino fixo, ou por meio do tártaro queimado; porque todo o sal alcalino fixo atrai a si a humidade aquosa, e deixa intacta a oleosa. O espírito do vinho, privado inteiramente de humidade, é o dissolvente próprio de todas as gomas e resinas e, geralmente, de todos os corpos resinosos. Por meio daquele mesmo espírito se extraem as tinturas de todos os vegetais e os remédios mais esquisitos comumente exigem o álcool, porque o espírito do vinho enquanto contém humidade aquosa e enquanto não está reduzido ao que chamamos álcool, não tem a força necessária para dissolver alguns corpos, ou extrair algumas tinturas, que só cedem ao álcool, e resistem ao espírito do vinho. Espírito rectificado é aquele que, destilando-se várias vezes, vai deixando no fundo do vaso destilador a parte aquosa que continha, recebendo-se só a que primeiro sai e entra no vaso recipiente, porque os primeiros espíritos que sobem são os mais puros e os que contém menos aquosidade; porque esta, como mais pesada e menos espirituosa, não sobe senão no fim da operação e quando o fogo administrado a incita com mais força; por isso, repetindo-se muitas vezes a operação e tomando só os primeiros vapores que se levantam, vem a adquirir-se um espírito oleoso em todas as suas partes e próprio para os usos destinados. O mesmo espírito tartarizado é um puríssimo álcool, porque o sal fixo do tártaro queimado embebe em si a humidade supérflua e só deixa livre a parte oleosa e espirituosa; e isto pelo princípio comum, de que os espíritos fermentados, só embebem a aquosidade e não penetram, nem dissolvem, sal algum. O álcool tem usos excelentes nos experimentos físicos e da mesma sorte na Farmácia, Medicina, na Cirurgia e na Anatomia. A manufactura dos vernizes, a extracção de tinturas minerais, vegetais e medicinais; e fábrica dos termómetros, ou conhecimento exacto dos graus do frio e do calor em todas as estações do ano; a conservação de algumas figuras monstruosas animais; a cura de muitos males; a representação visível dos líquidos que circulam nas artérias, e nas veias; tudo depende do álcool; e se este é depurado menos bem, sucedem mal os experimentos que com ele se pratica[m]. E com efeito o álcool, que contém ainda humidade aquosa, dissolve só grosseiramente as gomas e resinas de que os vernizes se compõem: não mostram exactamente os diferentes graus de frio e de calor; por isso há poucos termómetros que sejam bem exactos em mostrar aquelas diferenças, porque são raríssimos os que têm o álcool perfeito: da mesma causa vem o não se conservarem sempre as partes animais que se devem preservar de corrupção: a tintura do coral não se extrai como deve ser, quando o álcool é menos deflegmado; e a outras muitas tinturas sucede o mesmo por um fundamento igual. Na Cirurgia deve ser muito circunspecto o uso do álcool, porque este espírito concentrado é menos próprio naquela arte; a sua mesma pureza e fortaleza faz muitas vezes paralítico o membro a que se aplica, tirando-lhe o sentimento, ou fazendo-o insensível e sem acção vital; principalmente nas partes nervosas, as quais de algum modo estupifica. Não sei se os práticos conhecem bem esta verdade e a importância dela: se bem que este caso é menos perigoso, porque raramente se encontra um álcool verdadeiro, e puro: porém ainda o mesmo espírito de vinho é suspeito, porque coagula o sangue: a aguardente comum é mais proveitosa e mais

segura no tratamento das feridas, porque cura sem mortificar, ou sopitar os espíritos animais. Os remédios fortes são infiéis as mais das vezes: com os brandos se conforma a natureza, com os outros se exaspera e perde o alento curativo que em si tem naturalmente. O álcool não só provém do espírito vinoso, mas também de todos os licores fermentados, como são os que produz o trigo, a cevada, o milho e outros muitos vegetais que fermentam da mesma sorte: de todos eles se tira um espírito em tudo semelhante e sem diferença alguma, porque todos são inflamáveis igualmente; e seguindo o mesmo método, de todos se consegue um puríssimo e próprio para os mesmos usos e experimentos” (v. 2, p. 262-268).

### **Alcali**

Do árabe, *al-qaliy* (cinzas de plantas marinhas). Originalmente, designava uma substância salina. Do árabe, *al-cali*, planta marinha da qual se extrai a soda. Em química é o nome dado a determinados compostos (soda, potassa, litina, etc.), os quais, quando em presença de ácidos, produzem sais e transformam as gorduras em sabões. Informa Bluteau (v. 1, p. 218) que “todo o sal alcálico, assim desta, como das mais ervas, é oposto ao sal ácido e na união de um e outro sal consistem todas as especulações da Física moderna. Por isso dizem que comunica o ácido as duas qualidades masculinas, a saber o cáldo e o seco e que do alcali procedem as duas qualidades femininas, a saber o frio e o húmido. E assim da grande alteração causada da união do sal ácido e alcálico querem os Filósofos modernos que resulte a composição de todos os corpos. Na qual Filosofia é para notar que estando um e outro sal, ácido e alcálico, bem unidos, penetrados e com igual proporção e bem saturados, cessa a sua ebulição ou efervescência e não se renova com qualquer outra adição que possa sobrevir”. A antítese química entre ácido e alcali surge apenas no séc. XVII com Van Helmont e Boyle.

### **Alkahest**

Do alemão, *Allgeist* (espírito universal). Termo utilizado por Paracelso e seus discípulos para nomear o solvente universal. Ao invés dos ácidos, o alkahest não é considerado corrosivo. A Filaleto é atribuído o *The Secret of the Immortal Liquor called Alkahest*.

### **Aludel**

Termo árabe correspondente ao latim *sublimatorium*, cuja semântica foi descrita por Geber e outros autores medievais. Vaso com formato de pera. Destina-se à sublimação química (*sublimatio = elevatio, conversio, notabilitatio, perfectio*).

### **Alvaiade**

Carbonato básico de chumbo. Também \*cerusa e \*cerusite. Pigmento usado na iluminura. Segundo Francisco de Holanda foi uma das cores primordiais (juntamente com o ouro e a prata) com que Deus começou a pintar o “grande retábulo do mundo”: “Assim que disse Deus: faça-se a lux e o alvaiade para esta obra [...]” (*Da Pintura Antiga*, cap. I). José Pedro Martins Barata estava convicto que tanto os dois afluentes do rio Sever (a ribeira de Avid, situada em Espanha, e a ribeira Davide, que corre em território português), bem assim como o topónimo Castelo de Vide, derivam da palavra *Abit*, pela qual era conhecido pelos alquimistas o minério de chumbo sob a forma de carbonato (minas romanas de carbonato de chumbo ficam situadas entre as nascentes em apreço), acrescentando que se trata de nome “de importação oriental, trazido pelos Árabes ou pelos Templários” (*Castelo de Vide - Castell da Vide - Castelo d’ Avid? topónimo alquímico trazido pelos árabes ou pelos Templários?*, in *Revista de Portugal*, s. A, Língua Portuguesa, v. 32, 1968, p. 258-270). Santo António afirma a respeito da alvaiade que se faz “de estanho

e de chumbo”, ambas designando a humanidade de Cristo: “de estanho na Natividade” e “de chumbo na Paixão” (*Obras Completas*, v. 2, p. 214). \*Estíbio.

### **Antimónio**

Metal derivado da estibinite, conhecido a partir do séc. XVII. Adquiriu importância entre os alquimistas devido à sua intervenção no processo de purificação do ouro. O alquimista francês Basile Valentin escreveu um tratado intitulado *O Carro triunfal do Antimónio*.

### **Argiropeia**

Designação da pequena obra alquímica.

### **Astrum**

Termo utilizado por Paracelso para nomear um princípio regenerador e unificador da vida ou virtude secreta. Contém em si todas as coisas criadas constituindo a própria quintessência delas. Corresponde ao *Aether*.

### **Atanor**

Do árabe, *at-tannur*. Forno de combustão lenta dos alquimistas, também denominado forno filosófico. Destina-se a incubar o vaso hermético. É creditado com o poder de manter uma temperatura constante durante longos períodos, necessários à incubação do ovo dos filósofos em areia ou cinzas.

### **Azoth**

Nome hermético do mercúrio dos filósofos, na acepção de espírito ou matriz universal, de onde tudo provém e para onde tudo retorna. Na iconografia é apresentado como a fonte mercurial onde o Rei e a Rainha se banham. Outro dos seus nomes é *aqua permanens*, na qual o Sol e a Lua se unem (*conjunctio*). Basile Valentin é o autor do *Tratado do Azoth*. O mesmo que a *luz astral* (Eliphas Levi) e a *magnésia* dos ocultistas, as quais se manifestam pelo quaternário físico: calor, claridade, electricidade e magnetismo.

### **Azougue**

Mercúrio alquímico ou mercúrio hermético. Frio e húmido e, por consequência, aquoso. É a água permanente, o espírito vitalizador do corpo, aquilo que os filósofos herméticos medievais chamavam *Ens Veneni*. É consensual que a arte alquímica depende da efectiva compreensão da natureza deste Mercúrio, o qual se encontra directamente relacionado com a quintessência. O azougue é profilático contra as bruxas (Barroso), a erisipela (Curvo Semedo, *Polyanthea*, p. 402, n. 23; Nelas; Portel, etc.), o bócio (*Atalaia da Vida*, p. 87), etc., fazendo-se preto e reduzindo-se a pó quando alguém quer mal ao seu possuidor (por essa razão, outrora, as mulheres de Lisboa traziam azougue num frasquinho dentro da mala de mão). Em Alcoutim, não se aconselha ter espelhos na parede quando está a trovejar, porque têm azougue. O engenheiro militar Manuel da Maia denunciou, em 8 de Julho de 1755, um alemão das relações do Padre Cardone por transmutar azougue em prata, reputando-o de iluminado [ANTT: Inq. Lisboa, caderno 114 dos promotores, fl. 210].

*Bibliografia*: ESCHWEGE, Guilherme, *Sítios em que se encontra azougue em Portugal*, in *Revista Universal Lisbonense* (1843), p. 166s.; HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1665-1731), *Medicina Lusitana: Socorro Delfico aos clamores da natureza humana para total profligação de seus males. Dividido em tres partes [...]*, Amesterdão: por Miguel Dias, 1710 [Inclui: *Tratado unico e administração do Azougue, nos casos em que é prohibido*. Reimpressões em 1731 e 1750 (Porto), correctas e aumentadas pelo autor. Incluem a *Dissertação dos humores naturaes do corpo humano*. Trata da fascinação (livro II, cap. I, p. 123-127) e das pedras de peçonha

(cap. VII, p. 309)]; idem, *Tratado unico e administração do Azougue, nos casos em que é prohibido*, Lisboa: por Valentim da Costa Deslandes, 1708 [Saiu incluído nas edições de 1710 e 1731 da *Medicina Lusitana*]